

Vale (também) o que está escrito: o Pensamento Negro Contemporâneo como parte do Pensamento Social no Brasil

(1ª Parte)

Amauri Mendes Pereira*

Resumo: O texto procura dar visibilidade a noticiário, artigos e outros documentos publicados na Imprensa Negra paulista entre as décadas iniciais e os anos 40 do século XX. E argumenta que, por sua diversidade, escopo e complexidade, o pensamento que ali se expressa constitui parte do chamado pensamento social brasileiro. Busca, também, visibilizar o racismo predominante nas idéias e práticas sociais da intelectualidade brasileira, responsável pela reestruturação “republicana” de mecanismos capazes de perpetuar desigualdades sociais: as diferenças “raciais”, óbvias antes da abolição, precisavam de novos “jeitos” face aos desejos manifestos de branquear a população e ao incremento da imigração, e devido, também, à nova situação jurídica de igualdade formal entre todos os cidadãos. O pensamento social no meio negro se esforça por ser porta-voz das condições extremamente adversas vivenciadas nos *meios negros*, e de suas demandas de reconhecimento e inclusão social.

Palavras-chave: Imprensa Negra; Movimento Negro; Pensamento social; Preconceito e Discriminação Racial; Raça e Racismo.

* **AMAURI MENDES PEREIRA** é Especialista em História da África, Mestre em Educação, Doutor em Ciências Sociais e Professor de Sociologia na UEZO.

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo...

O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.”

Walter Benjamin (1985, 204-5)

"Hoje falamos do passado sem nos lembrar que nos espera um futuro. Os negros de amanhã falarão novamente em Patrocínio e Luíz Gama(...)

Devemos falar dos vultos do passado, não para fazer frases bonitas, mas para compreender o presente e preparar o futuro"

Fernando Góes – Tribuna Negra nº1. 1935

Introdução

O conceito de pensamento social no Brasil geralmente se refere aquele produzido no âmbito da intelectualidade das classes dominantes sobre as questões sociais e perspectivas para a nação que se pretendia/pretende criar. Da ótica desse trabalho, a questão racial é um tema central neste pensamento, atravessando e impregnando toda variedade de concepções, embora com diferentes acentuações quanto aos diagnósticos e às estratégias – o pensamento social é racial. Até os meados do século vinte estava posta a inferioridade do negro e, ao inverso, a excelência do sangue europeu para "limpar a raça" e possibilitar a ascensão do Brasil como nação civilizada. Os diversos matizes da política democrática – investidos de lutas e ciências sociais – mais o pedagógico cotidiano das vivências em sociedade foram "relativizando" tais abordagens.

Tem permanecido, no entanto, o pressuposto da inexistência de outros pensamentos sobre os problemas sociais e

outros dilemas que desafiavam/desafiam as interpretações mais influentes sobre a formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. De um certo ponto de vista pode-se dizer que são algumas vertentes majoritárias no âmbito de pensamento e ações das elites intelectualizadas que vem orientando/balizando as estratégias econômicas, institucionais e políticas capazes de reproduzir o sistema de poder no sentido da consecução dos seus projetos. Mas não é e nunca foi absoluto. E os resultados – na extensão e amplitude, nos jeitos, cores e ritmos – foram os programados?

Já na década de 50, as pesquisas sobre relações raciais, no Brasil, financiadas pela UNESCO¹ trouxeram à tona a existência de Movimentos Sociais no "meio negro", desde o início do século, em várias partes do país. E estes Movimentos eram impulsionados pelas formulações de uma "elite negra" motivada, fundamentalmente, pelos prejuízos que remontavam à escravidão e ao "abandono social" da população negra no pós-abolição. Cresce rapidamente a historiografia que permite falar amplamente sobre esses Movimentos e suas formas de expressão, em todas as regiões brasileiras. Não há mais dúvida, porém, que formas variadas de "efervescência", momentos de auto-instituição das populações afro-brasileiras – ora com maior apelo cultural, ora religioso, ou político, ou social; aqui mais, ali menos explicitamente “raciais” – sempre houve em todas as regiões, certamente em momentos diferentes e com graus diversos de intensidade. (SILVA, 2003), (PEREIRA, 2008), (OLIVEIRA SILVEIRA, 2003), (CARDOSO, 2002), (BARROS, 2001), (BENTES, 1993), (FERREIRA E PEREIRA, 1983), (PEREIRA E SILVA, 2009), (MOURA LIMA, 1999), e outros.

¹ Pelo menos a pesquisa em São Paulo teve outras fontes de financiamento, conforme alusão de Fernandes e Bastide no 1º parágrafo do prefácio de “Negros e Brancos em São Paulo”.

A riqueza e diversidade do pensamento que orientava tais ações, sua capacidade de mobilizar vontades e modificar comportamentos, de propor alternativas aos caminhos e aos jeitos como se traçava os “destinos da nação”, é que o torna parte do pensamento social brasileiro. É dele que pretendo tratar neste trabalho. O centro das atenções deverá girar, principalmente, em torno do contexto que produziu a Imprensa Negra em São Paulo, da segunda década até os anos 40 do século XX. Um potente movimento social pregava a necessidade de “uma nova abolição” e o reconhecimento da importância do negro na formação e na vida nacional. Eram dezenas de instituições de variado tipo – associativismo político, recreativo, grupos literários e outros – que correspondiam à diversidade de origens, de experiências e perspectivas daqueles homens e mulheres: ex-escravos e descendentes adaptados à vida urbana, mas crescentemente deslocados como mão-de-obra, devido à onda imigratória e sua preferência no mercado de trabalho em expansão, no contexto mais dinâmico da economia brasileira. Mas também enormes contingentes de egressos das zonas rurais, pouco ou nada preparados, em termos subjetivos e de qualificação profissional, por exemplo, para se integrarem ao ritmo e intensidade daquele “novo mundo”. É, por enquanto, o processo de instituição do Movimento Negro mais visível para os estudiosos do tema. Florestan Fernandes e Roger Bastide (1971) o estudaram já na década de 50. Nesta pesquisa foram priorizados os depoimentos dos militantes em amplas e animadas reuniões públicas. Aqueles estudiosos e seus alunos tiveram a oportunidade de vivenciar explanações e debates entre algumas das lideranças mais destacadas e reconhecidas de todo aquele amplo e já longo movimento social. Receberam deles grande quantidade e variedade de documentos, de fotos, de textos descritivos e analíticos escritos especialmente para aquelas oportunidades,

demonstrando aguda percepção do que representava aquela oportunidade de visibilidade à “sua história”. Florestan Fernandes diria depois que aqueles movimentos representaram uma “façanha histórica”, do negro e do mulato, procurando “educar” a sociedade para a efetivação da igualdade social – mas que malograram perante a “insensibilidade branca”. Mais adiante Clóvis Moura (1984) e Míriam Nicolau Ferrara (1986), se beneficiaram da organização e sistematização do imenso acervo que permanecera até então espalhado. Hoje é possível encontrá-lo micro-filmado em bibliotecas de referência sobre o tema.

Como militante e companheiro tive acesso a grande quantidade de jornais e folhetos, doados por José Correia Leite, Henrique Cunha, Raul Joviano do Amaral, Francisco Lucrécio, Tereza Santos e Aristides Barbosa, alguns dos mais antigos e respeitados militantes. Foram preciosas (sob muitos aspectos) as longas conversas desde 1976, que se amudaram em 78 – durante o processo de criação do Movimento Negro Unificado. A pesquisa realizada, com apoio do IBASE-Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, nos anos 84-5 por mim e por Yedo Ferreira aprofundou aquele quadro e rendeu, então, o vídeo **Frente Negra Brasileira**.

Pensamento e ação na emergência do Movimento Negro

“É assim que se confirma a vitória do esforço de um pugilo de bravos lutadores”

Manchete do Jornal Tribuna Negra – Setembro de 1935

O ônibus chegara rigorosamente no horário combinado, em frente à sede do Aristocrata Clube, no centro de São Paulo – o respeito habitual aos bons fregueses. Se a sede social era um tanto acanhada num prédio espremido entre tantos outros naquelas ruas mais centrais da capital, a sede campestre devia ser a redenção!

Quando o terreno foi comprado, o Grajaú ainda era uma periferia sem futuro nos confins de São Paulo. Tivemos visão: a cidade crescia sem parar, não ia demorar muito a chegar lá. Tudo nosso era feito assim, bem planejado. Quem está na frente não pode errar. O negro não pode errar na sociedade, e a liderança negra não pode errar no meio negro.²

Tais informações certamente diziam mais do que o seu sentido óbvio. Qual a importância deste tipo de liderança no meio negro? Como se instituiria e se relacionava com as instituições fora do meio negro? Seriam relações institucionais ou individuais, ou as duas, conforme conveniências... E o meio negro, como assimilaria tal diversidade de influências e relações? Haveria algum espaço entre o meio negro e a liderança negra, assim como entre ambos e a sociedade "branca"?

A estrada ensolarada clareava meus sentimentos/pensamentos. ...É como se fossem mundos paralelos, brancos e negros. O "espaço negro" seria um "campo de força", um espaço autônomo construído à revelia da (às vezes contra a) sociedade "branca". Um exemplo é o art 1º. do estatuto da FNB:

“Fica fundada em São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação dos seus direitos sociais e políticos atuais, na comunhão brasileira”. Meu pai era carteiro. Pouca instrução, mas com inteligência refinada, liderança só no olhar. Convicções firmes sobre a raça, sobre religião (era católico), sobre disciplina, respeito, coragem. Era um homem de caráter inabalável. Foram

homens do tipo dele que criaram a FNB.³

Não era tão difícil chegar. Talvez na imaginação de quem sabia o quanto fora difícil: conceber a idéia, convencer a maioria, planejar, articular dinheiros/boas-vontades/documentos, e, finalmente, construir. Agora o **Aristocrata Club** tinha uma sede campestre. Afinal,

Se não era possível ser respeitado (sequer admitido) nos clubes de brancos, construímos o nosso próprio. É também uma forma de se impor. Orgulho pode ser pecado, mas as vezes é necessário.⁴

Clube não era novidade no meio negro, em São Paulo. Em trinta e poucos havia bons jogadores de *Cestobol* (nome do Basquete, na época), e de *Pedestrianistas* (assim se designavam os corredores), no **Cultura** (Clube Negro de Cultura Social). Mas uma sede campestre, além de uma sede social era muita ousadia. E estas eram grandes e diversas.

Nas palavras de um outro destacado militante e dirigente:

À volta deste Movimento se criou a juventude de muitas famílias negras de São Paulo, com os ideais de vencer na vida e elevar a raça. Olha, havia muitos Movimentos semelhantes, aqui na capital e em inúmeras cidades interioranas. Não havia um pensamento só. A política sempre foi importante para os mais ativistas. Adalberto Camargo, por exemplo, queria ser político. Ele achava que tudo começava na política. O negro precisava de leis a seu favor, precisava estar por dentro dos "jeitos" de se arranjar melhorias para a coletividade – hoje é deputado federal. A Teodosina (Teodosina Ribeiro) foi pelo mesmo caminho, hoje é deputada estadual. O Mário Américo (aquele que ficou famoso como massagista da seleção brasileira) é vereador... Todos,

² Mário Costa – filho de Justiniano Costa, último presidente da FNB – na volta da visita à sede campestre do Aristocrata Club.

³ Idem.

⁴ Idem, Mário Costa

*eleitos com votos da coletividade. Empresários, já somos muitos. Doutores, profissionais liberais, gente competente bem colocada em cargos públicos... Mas não pensem que foi fácil.*⁵

Raul Joviano do Amaral tinha muitas lembranças. Falar delas lhe trazia mais força. Ser ouvido. Sentir que suas idéias e realizações, e as realizações de toda uma geração de negros tinham importância histórica e social...

Quase cinquenta anos passaram entre a entrevista com o então (1984) membro benemérito do Aristocrata Club e Juiz da Irmandade de São Benedito, na Igreja do Rosário, no Largo do Paissandu, centro de São Paulo; e estas palavras, escritas com o ardor de uma liderança da Juventude Frentenegrina:

"Quer nos parecer que a colectividade negra vae se desenvolvendo no tocante à unidade social. É muito lento êste desenvolver progressivo, faz desesperar os espíritos mais adiantados; êstes que constituem a minoria incontestada, irritam-se por verem as massas de quais são células orgânicas, numa ascensão morósissima e daí o retraimento, a neutralidade de muitos. Contudo para os mais atilados e para os mais resignados, os mesmos que trocaram as comodidades que poderiam ter, pelo trabalho de "ser ninguém", a fim de estudarem a fundo a magna questão da raça e, ipso-fáto, poderem instruir e despertar o gigante negro da letargia crónica, para êstes um novo ciclo de novas e insofismáveis perpéctivas se desenha. Natural, pois, que se exultem pela florada que semearam e que indubitavelmente há de germinar,

*carinhosamente regada pelos sacrifícios."*⁶

Era um Movimento Social, étnico, se instituindo a ferro e fogo, contra as barreiras da sociedade, contra seus próprios sentimentos de inferioridade, inexperiências, conflituosas diversidades. No bojo deste Movimento eram forjados seus poetas e cronistas, seus filósofos, seus articuladores políticos, seus inevitáveis aproveitadores, seus pensadores... A expressão escrita deste movimento, que desde o início se auto-designava Imprensa Negra, pode ser dividida em três fases, tanto cronológicas, quanto em relação a algumas características:

1ª fase – de 1915 a 1924. Citado por Bastide, Moura e Fernandes como o primeiro dos que se tem cópia, entre 1915-16, aparece o jornal O MENELICK – *Órgão mensal, noticioso, literário e crítico, dedicado aos homens de cor.* Os que cito a seguir, são os que possui alguns exemplares: O ALFINETE, de 1918; A LIBERDADE E O BANDEIRANTE, ambos de 1919; A SENTINELLA, DE 1920; O KOSMOS, de 1922; ELITE, de 1924; O GETULINO, 1923-25.

Além de fazer a crítica social e de costumes, e de noticiarem solenidades, festividades, aniversários, casamentos, sempre havia pelo menos um artigo (o mais longo, geralmente na 1ª página), comentando aspectos do *preconceito de cor na sociedade brasileira*, ou citando fatos referentes ao negro no Brasil, ou em outras partes do mundo, principalmente nos EUA. Alguns deles estavam ligados mais ou menos diretamente a Sociedades Recreativas, literárias, e de outro tipo.

2ª fase – de 1924 ao final da década de 30 (contidos pelo Estado Novo): Neste ano começa a ser editado O CLARIM, que mais tarde se tornaria O CLARIM D'

⁵ Transcrito da entrevista com Raul Joviano do Amaral, em 1984. Ver *Frente Negra Brasileira* (24 min) Enugbarijo produções artísticas. Disponível em www.cultne.com.br

⁶ "A expressão da vontade". Assina RAJOVIA, in A VOZ DA RAÇA (Jornal da Frente Negra Brasileira). Agosto de 1936. Nº 56. Ano III

ALVORADA. Com este jornal ocorre uma reviravolta: ele inaugura a postura de denúncia aberta do preconceito racial, e de uma combatividade até então não exercitada por nenhum deles. Em minha coleção, tenho desta fase: exemplares de A VOZ DA RAÇA (órgão da Frente Negra), que foi publicado entre 1933 e 1937; TRIBUNA NEGRA, 1935-6; BRASIL NOVO, de 1933; PROGRESSO, publicado entre 1928 e 1931; O CLARIM, DE 1935, em nova fase, agora como *publicação mensal da Mocidade Negra. Editado pelo departamento intelectual do Clube Negro de Cultura Social.*

Percebe-se neste período a elevação do grau de politização da Imprensa Negra, como decorrência do engajamento apaixonado dos negros militantes no "clima" posterior a revolução de 30.

*"O Getúlio perdeu as eleições e veio a revolução de 30. Aí foi uma fase que a gente pode dizer que parou o Movimento. Desse modo é possível distinguir o Movimento Negro antes e depois de 30. Este tomou outra feição. O negro, por intuição ou qualquer coisa, na Praça da Sé se reunia em grupos e as discussões eram calorosas. (...) Não se queria ficar marginalizado na transformação que se esperava. Havia um contentamento de ver aquelas famílias de escravagistas apeadas do poder. Era claro que na transformação tudo ia mudar. O negro sentia isso."*⁷

3ª fase – década de 40, após o fim do Estado Novo: Jornal ALVORADA, coleção quase completa de 1946-48; Revista SENZALA, de 1946. Esta revista pretendeu uma estética diferenciada, com papel de primeira, capa dura e brilhosa; além de incorporar artigos de não negros (o antropólogo Arthur Ramos, por exemplo), tidos como favoráveis ao negro. Embora fossem editados poucos números, teve

excelente recepção principalmente no *meio negro*, pela variedade de temas em cerca de 30 páginas. Seu planejamento e organização representaram importante tentativa empresarial. É de se ressaltar que boa parte de sua equipe era também composta de redatores e colaboradores do ALVORADA, editado simultaneamente. Havia ainda extensa rede de colaboradores, tanto em São Paulo, como em Campinas e no Rio de Janeiro.

O racismo estrutural

"Dos negros é que ninguém jamais quis se ocupar cometendo assim a maior ingratidão da nossa história"

Sílvio Romero

Em visão retrospectiva, a impressão é de que cada um (elites intelectualizadas X militantes negros), se conformava ao seu mundo. No mundo "branco", naturalmente, o pensamento das elites intelectualizadas orientava as estratégias e o exercício do poder do Estado, em função de uma concepção de nação. E, com que povo? Este era um dilema. A população negra aparecia como um empecilho.

No *meio negro*, os mais "atildados" buscavam a promoção da consciência e da ação organizadas, o "*levantamento econômico, moral e cultural da raça*" – até a década de 30 falava-se na segunda abolição – capazes de banir o preconceito e conquistar para o negro o seu lugar ao sol.

Eram perspectivas diametralmente opostas.

O incremento da imigração subsidiada é a primeira grande medida de impacto social da república.

“A solução imigracionista aparecia não apenas como resposta ao problema imediato da escassez de mão-de-obra na agricultura, mas também como um projeto de modernização a mais longo prazo, em que o branqueamento da população nacional era altamente desejado” (HASENBALG, 1979: 154).

⁷ *E disse o velho militante José Correia Leite*". Correia Leite e CUTI. 1992. Coordenadoria especial do Negro. SMC-SP. pg. 91.

Nas perspectivas das elites intelectualizadas não havia lugar para o negro na nova sociedade que pretendiam criar. Em extraordinária distorção histórica, o ex-escravo e não o sistema escravista tão tardiamente abolido teria sido o responsável pelo atraso em nosso processo civilizatório – visto como prolongamento do europeu. Dos finais do século XIX até os anos 30 é difícil encontrar intelectual brasileiro isento da influência do racismo/racismo.

Lília Moritz Schwarcz (1993), demonstrou que a centralidade da questão racial, entre as elites, nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX não provinha apenas de manifestações de individualidades. Ela emanava fundamentalmente das grandes instituições (Museus, Institutos Históricos e Geográficos, Faculdades de Direito, Academias de Medicina), criadas como guardiãs das ciências e da modernidade entre nós, zelando pelo percurso civilizacional que o Brasil trilhava sob a égide europeia.

Foi grande e duradoura a influência das doutrinas raciais europeias falsamente científicas que afirmavam, ao longo do século, a supremacia da "raça" branca sobre as "outras raças". É extensa a relação dos (principalmente) antropólogos físicos que classificavam as "raças", através da avaliação de medidas faciais, cranianas, dos índices encefálicos, etc, cujos pressupostos já no início do século XX se mostravam absolutamente inconsistentes. Alguns desses cientistas estiveram no Brasil em viagens de estudos. Um deles, um aristocrata francês de nome Gobineau, conviveu, em função consular, durante quase dois anos na corte imperial. Era fatal tal influência sobre uma elite tão insatisfeita com seu povo e seu destino, e tão intelectual e afetivamente dependente das luzes da civilização europeia.

Desde Perdígão Malheiros, um dos mais profícuos historiadores brasileiros do

século passado, que, no último terço do século XIX, que se vinculava o discurso abolicionista ao discurso imigrantista. Para ele o fim do tráfico fora um ato civilizatório porque fechando as portas ao negro, permitia que se augurasse o branqueamento da população. Este autor defendia, inclusive, a tutela das autoridades sobre os alforriados e preconizava o estabelecimento de normas de comportamento para a população negra. Mesmo compreendendo a imoralidade da escravidão, admitia a sua legalidade. E advogava a abolição lenta e gradual para evitar a falência dos senhores.

Também Nina Rodrigues pensava a nação em termos estritamente raciais. Médico, maranhense radicado na Bahia, de larga influência sobre as gerações seguintes de médicos e antropólogos, vivia às voltas com um racismo profundamente pessimista. Ele acreditava, já nos finais do século XIX, que "*...A raça negra, no Brasil,...há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo*". (RODRIGUES, 1976: 7)

Sílvio Romero foi outro intelectual da maior importância, nacionalista empedernido, cujo pensamento era caudatário do biologismo. Para ele a mestiçagem era o grande mal da sociedade que se formara: "*todo brasileiro é mestiço. Quando não na raça, nas idéias*." Ao contrário de Nina Rodrigues, no entanto, acreditava na "salvação" do povo brasileiro, desde que se implementasse adequadamente um outro fator de construção da nacionalidade: a imigração.

"*O sertanejo acima de tudo é um forte*". Esta passagem d' Os Sertões – um clássico da literatura brasileira – de Euclides da Cunha, "deu samba".⁸ Mas ele se referia apenas ao mameluco (que ele pensava ser quase a totalidade dos mestiços em Canudos), segundo ele, um "*mestiço*

⁸ GRES EM CIMA DA HORA-RJ, samba enredo do carnaval de 1966.

superior". O mulato, predominante no litoral, para ele, era o "*mestiço inferior*". Submisso aos exageros cientificistas de sua época, sentenciava sobre seu povo e seu país (ao mesmo tempo, que sofria com isso): "*clima inexorável, raça inexorável, região inexorável*". Em livro escrito com tamanha paixão – frente ao espetáculo da coragem dos homens e mulheres mestiços de Canudos, e a selvageria das tropas oficiais – choca a principal explicação que ele dá para o "fanatismo": O choque com a civilização seria o principal responsável pela loucura de Antônio Conselheiro e daqueles "*sertanejos ignorantes*".

Ninguém menos do que o diretor do Museu Nacional, o antropólogo João Batista de Lacerda (enviado oficial do governo brasileiro ao Congresso Mundial das Raças, em Londres-1911), vai apontar a mestiçagem não como problema, mas como solução para a questão racial no Brasil. Pressupunha, evidentemente, que dada a desigualdade natural das raças humanas e seu corolário a superioridade das raças brancas, a consequência do mestiçamento só poderia ser o embranquecimento – que designou "*redução étnica*" – da população. Este é um enunciado básico do darwinismo social que possibilitava uma saída honrosa para um dilema nacional daqueles tempos: um "*genocídio pacífico*" – a eliminação da herança genética negra sem a necessidade de guerras ou medidas extremas.⁹

Nesta breve incursão ao pensamento de alguns dos principais intelectuais do início do século, Oliveira Vianna é um nome obrigatório. Não se pode desconhecer méritos em sua obra que buscava, com esforço criativo, explicar o Brasil, e indicar caminhos para a construção de uma grande nação. Mas contaminou-a com um pecado capital: a convicção racista que o levou a justificar, inclusive, a dominação (por qualquer meio) das "*raças fracas*", pelas "*raças fortes*". É com Oliveira Vianna que

o determinismo racial (a possibilidade de branqueamento da população brasileira) ganha seu melhor acabamento teórico. Foi o mais fecundo arauto do arianismo, que pregava a excelência da herança biológica dos europeus dolicocefalos-louros, como essencial para uma melhor eugenia ("ciência" que preconizava o aprimoramento genético-"racial" da espécie humana) em nosso país. Este era o centro da proclamação que faz, em caráter oficial, no livro "*Evolução do Povo Brasileiro*" – publicado como introdução aos resultados do censo brasileiro de 1920. Não se sabe o que levou ao que, mas era inegável sua identificação com as doutrinas políticas totalitárias, fosse o nazismo e o fascismo europeus, ou seus arremedos no Brasil, fortalecidos com a implantação do Estado Novo.

Mesmo em autores anti-racistas está presente o ideal do branqueamento. Manuel Bonfim é um exemplo raro de intelectual que, já em 1905, demonstra ter superado o biologismo. Suas obras são libelos de patriotismo brasileiro. Segundo ele, os grandes problemas nacionais seriam decorrentes da exploração imperialista e da histórica subalternidade intelectual e material das nossas elites. Com originalidade desmascara o darwinismo social, transcrevendo cartas de Darwin que apresentam considerações favoráveis aos negros. Demonstra visão ampla da brutalidade do processo colonial que se desenrola em âmbito mundial. Mas, mesmo ele, "escorrega" nos delicados conceitos da hierarquização das raças:

"Índigenas e negros, sendo povos ainda muito atrasados, não possuíam nem qualidades, nem defeitos, nem virtudes, que se impusessem aos outros e provocassem a imitação. Almas rudimentares, naturezas quase virgens, eram eles que, nesse encontro e entrecruzamento de raças, sofriam a influência dos mais cultos e os imitavam" (BONFIM, 1993: 236).

⁹ Conforme Seyferth (1985)

Como não questionar as suas quase 120 páginas sobre a formação brasileira dedicada aos colonos brancos e à questão da mestiçagem, em contraste com as 7 páginas sobre o negro, no livro "*O Brasil na América*"?

Para não ficar muito extensa esta relação de autores "contaminados" – alguns a despeito da sua visão nacionalista e progressista – penso ser suficiente citar como ambíguos homens como Afrânio Peixoto, que critica o racismo, mas não rejeita o termo "raça" – pode-se dizer que ele representa uma "transição". Ou Edgar Roquette Pinto, que ironiza o conceito racialista das diferenças e hierarquizações raciais, mas o mantém como referência. Este autor faz verdadeiros malabarismos verbais para fugir da enunciação racista ao longo dos seus "*Ensaio de Anthropologia Brasileira*"; assim como se mostra um campeão de habilidades para permanecer amigo de todos, após presidir o *I Congresso Brasileiro de Eugenia*, em 1929. Ou ainda como Fernando Azevedo, eminente predecessor em pensamentos e ações progressistas no âmbito da Educação brasileira, cujo livro "*A Cultura Brasileira*" acompanha o Censo de 1940, da mesma maneira que o livro de O. Vianna em 1920. Azevedo já não pregava o arianismo, a retórica da superioridade "racial" branca persistia em seu texto com nova roupagem. Aquele autor ainda não havia assimilado a "virada" culturalista de Gilberto Freyre. Este que em "*Casa Grande e Senzala*" (1933) impactara o pensamento social de seu tempo ao reconhecer o negro como produtor de cultura; e depois em "*Sobrados e Mocambos*" (1938), no qual caracteriza a sociedade brasileira no século XIX, como exemplo de vertiginoso processo de modernização e acomodação de raças. Só a partir do êxito crescente dessas obras em sucessivas reedições e em traduções para outros idiomas, sendo saudadas por alguns dos mais eminentes cientistas sociais em outros países... Então a intelectualidade

brasileira se deu conta da "grosseria" do biologismo e do darwinismo social. Tanto mais que o pensamento subjacente àqueles dois livros (e a trabalhos que os sucederam), pressupunha a acomodação entre os conceitos de raças, culturas e classes, num viés marcadamente conservador, em sintonia com idéias que, desde longe, esboçavam um sedutor viés no senso comum "nacional". Em que pese a ousadia e inovação teórico-metodológica a obra de Gilberto Freyre acabou por se adequar ao copioso figurino de conveniências manejado pelas elites brasileiras (e não exclusivamente as conservadoras) como respaldo teórico do mito da democracia racial.

Não se pode, no entanto, dizer que tais "avanços" valiam para todos e para sempre. Já em 1949 o ministro Jorge Latour, presidente do Conselho de Imigração e Colonização¹⁰ proferia o seguinte discurso na abertura da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização:

"...As predileções de nossa política imigratória estão afirmadas e confirmadas na legislação, e no pós guerra atual adquiriram consistência prática (...) São meus votos de que nesta assembléia se firme a idéia, para ser propagada enfaticamente, de que o Brasil deseja tonificar-se com o sangue europeu, em tão grande parte sangue de seus maiores" (LATOURE, apud VAINER, 1990: 112-3).

A complexidade do pensamento negro – Na busca da autonomia ele se forja como sujeito histórico

"Somos dos que preferem o estandarte da Pátria iluminado pela consciência dos seus filhos, à cor verde da esperança ou ao vermelho simbolizante"

¹⁰ O CIC foi criado em 1938, como um órgão de Estado, responsável pela sistematização e explicitação da política racial (imigrantista) que desde o final do século XIX foi assumida pelo Estado brasileiro.

da ordem livre de Cincinnatus".

Paulo Barbosa "A FNB em face dos últimos acontecimentos- A FNB em face da Raça". A VOZ DA RAÇA - Agosto de 1936.

Como grupo social em busca de autonomia, na constituição de uma sociedade plural e desigual, a população afro-brasileira encontrou condições favoráveis e "pedras-de-tropeço" em seu caminho. Vamos tomar como exemplo o que se encontra na imprensa negra do estado de São Paulo, dos inícios aos meados do século XX.

Seja na leitura dos jornais em fases e em graus diferenciados de "estado-de-consciência", ou observando diferentes níveis do "pique" da equipe e as condições de realização; ou na observação da diversidade de estratégias adotadas para a auto-instituição, nem sempre formas escritas (e a irrupção das manifestações culturais e religiosas?); jamais se pode falar de uma *massa*. Algo disforme ou com uma única forma, que rola ou se desenrola ao sabor de solavancos exteriores. É uma incongruência tão grande e da mesma ordem dos estereótipos através dos quais muitos estrangeiros insistem em ver os brasileiros, ou "os latinos", como se fossemos todos uma coisa só.

Naquelas "leituras" – e aí o pensamento escrito (que vamos ter oportunidade de ler extensamente) tem um papel relevante – pode-se perceber fatores de unificação, pulsões coletivas, momentos galvanizadores, que obrigam ao alinhamento, quase à unanimidade, da *coletividade negra*; e denúncias recíprocas, desacertos e rupturas entre *patrícios*. Aparecem simultaneamente a pregação democrática e a intolerância, *hoje* lida como fascismo; propostas inconciliáveis e acordos impensáveis; posturas irredutíveis e comportamentos mais flexíveis e habilidosos. Há monarquistas, patrianovistas, republicanos e socialistas. Oportunistas, tímidos abnegados e

grandiloquentes de todos os tipos. Amargurados, raivosos, entusiastas. Moralistas e... nem tanto. E assim como está presente a dureza da crítica (ao preconceito racial ou aos "*judas da raça*"), também transparece (e quanto e como!) o lirismo, em textos de homens e de mulheres.

O preconceito racial violentando o cotidiano pode-se dizer que condicionava a qualidade de vida e aspirações da grande maioria – o que é terrível por si só; por outro lado, unificava aquela população. Não eliminava, evidentemente, as diferenças de classe, se bem que ainda incipientes entre os que, visivelmente, "*tinham um pé na senzala*". O preconceito e a discriminação racial prejudicavam, mas não dirigiam os sonhos, os horizontes e as perspectivas individuais ou de grupos de artistas, de esportistas, de profissionais e de afinidades outras. Será que, considerando a maioria, moldava interpretações/significações guardadas (às vezes até mesmo de si próprios) no âmago de cada homem e mulher negros? De qualquer maneira "*aquelas ignorâncias dos brancos*" ofereciam a todos, e de maneira indiscutível, um inimigo comum:

*"Quando se fala em união da raça negra, no sentido de se estabelecer as bases para o alevantamento moral e intellectual do negro, indivíduos há que se levantam e atacam energicamente a idéia, dizendo que os negros querem criar o preconceito de cor, que dizem não existir no Brasil. O certo é que no Brasil existe um problema ainda sem solução: e esse é o preconceito de cor. Não tão hediondo como nos Estados Unidos na sua manifestação exterior, mas muito mais terrível, muito mais perigoso porque, mui veladamente faz o negro estacionar e não o deixa vencer na vida, melhorando as suas condições."*¹¹

¹¹ "*Philantropia Escravocrata*" – Manoel Antônio dos Santos. In O CLARIM. Abril de 1935.

"Cumpriremos o nosso dever para com a nossa razão, os nossos sentimentos e a nossa pátria, se soubermos estabelecer as necessárias proporções do nosso saber e das nossas virtudes, nas manifestações das nossas sympathias e affeições.(...) Compreender isso é penetrar no mystério da criação, quero dizer, é ter encontrado a chave do verdadeiro conhecimento que é a unidade na diversidade ou a essência divina circulando em todo o universo.(...) O que nos amamos e veneramos nos nossos semelhantes não é a sua forma corpórea, nem tão pouco temos a idéia das suas virtudes pelo seu vestuário e calçado, assim também não deveremos olvidar ou desprezar um homem de cor preta, porque muitos dessa raça poderiam ser o estímulo na prática do bem e do dever.(...) A nossa pátria, infelizmente, tem essa mancha que os séculos não limparam, porque é monstruosa, provando a decadência e ignorância em que jazíamos."¹²

"(...) A' poucos dias, em uma estação de rádio, na hora infantil, numa comediuzinha, presenciamos que uma menina a quem fora imposto um castigo sentia-se humilhada não se conformando em ser punida pela mãe, unicamente pelo facto de ter gritado com a Benedicta. Imagine, dizia ella a sua amiga, mamãe me repreendeu por ter gritado com uma escrava. Maldita abolição! (...) Precisamos trabalhar com ardor, afim de mostrar aos brancos que também temos capacidade. Continuar como nossos avós que embalaram o Brasil pequenino, com a sua força muscular, lutar também, provando uma tensão muito maior a força moral e intellectual. Não é só com a espada que se torna heróe., mas também com palavras e acções. Será que os negros não sentem os prejuízos originados pelos preconceitos? (...) Moças, minhas patricias, é de nós que talvez dependa uma parte da resolução deste

problema. (...) Sejamos como uma heroína do passado, uma Luiza Malin e outras mulheres que se evidenciaram na história.(...) Si não pensarmos assim o que será dos nossos sucessores?"¹³

"O negro madrugou nos alicerces da nação brasileira". Outra unanimidade. Talvez esta ideologia do negro como elemento formador da nacionalidade não tivesse penetrado tanto no meio negro se não fosse pela pregação ostensiva da totalidade dos seus ativistas. Era uma referência esgrimida com tal propriedade, e se ajustava tão bem às necessidades daquela população vilipendiada pelo cotidiano de discriminações, que, parece, acabou por ser integralmente assumida. Um aspecto que (com cautela) se pode avaliar como positivo, é que dispõe "o negro" à paz e à cooperação. Mas pode-se avaliar como negativo o fato de que tal ideologia atuava como fator de desmobilização. Com o tempo, parece que, mesmo vivendo a discriminação, a população negra "preferia" o seu próprio discurso auto-enaltecido. Sempre foi o seu grande argumento contra o racismo. E não apenas seu, mas daqueles que percebiam a sua legitimidade histórica.

"(...) Enobrecendo o coração do negro. E reafirmando o seu direito de acção, de hércules, e o seu todo na formação da nacionalidade brasileira,(...) embora em nossos dias o evoluir nosso se nos depare vagarosamente, vagarosamente.(...) O negro no Brasil não só devastou florestas, andou a cata de ouro e de outros minerais, plantou os primeiros pés da rubeácea que nos deu toda riqueza. Elle alem de ser um factor da formação da grandeza primitiva, é o brasileiro que não cansa de lutar com devotado amor, em todas as atividades humanas. É o hércules das forças que se enquadram a engrandecer os incontáveis factores da nossa

¹² "Preconceitos de raça". A. Oliveira. In O ALFINETE. Setembro de 1918.

¹³ "...O que será deles...". Nice. In O CLARIM. Março de 1935.

*nacionalidade, por que é um brasileiro lutador e forte.*¹⁴

*"Há fatos na vida do negro relativos a formação da nacionalidade brasileira que a história do Brasil não comenta. Mas nós os negros modernos, acompanhando a evolução da humanidade, evoluímos também, seguindo o surto grandioso do progresso.*¹⁵

*"A trajetória delineada está pois, no seu início e praza aos céus, podermos realiza-la totalmente com os olhos fitos no sagrado ideal da raça sofredora para bem e para a grandeza desta mesma raça e da Pátria que ela construiu com lágrimas e com sangue.*¹⁶

É flagrante o compromisso de todos – independente dos vínculos políticos, ideológicos e institucionais – com o fortalecimento das instituições. Eram os “campeões da ordem”. Florestan Fernandes (1964: 307) é preciso:

“Arrogando-se a solução de problemas ignorados ou descurados pelas elites do poder, o negro e o mulato chamaram a si duas tarefas históricas: de desencadear no Brasil a modernização do sistema de relações raciais; e de provar, praticamente, que os homens precisam identificar-se, de forma íntegra e consciente, com os valores que encarnam a ordem legal escolhida”.

"A valorização da raça e a busca do lugar ao sol – participação plena na nacionalidade".

Também se encontra a expressão do orgulho de ser negro – militantes rejeitam complexos e recalques que "*enfraquecem a luta e atrasam a demora do porvir*".

¹⁴ "O Negro no Brasil". Jayme de Aguiar. In O CLARIM d' ALVORADA. Junho de 1928.

¹⁵ "Bandeira da Frente Negra Brasileira", Justiniano Costa. In A VOZ da RAÇA, agosto de 1936, nº 56

¹⁶ "Trajetória do Ideal". Manoel Antônio dos Santos. In TRIBUNA NEGRA, setembro de 1935.

*"A nossa inatividade ante os feitos dos grandes e denodados abolicionistas que, com perseverança e entusiasmo labutaram pela nossa liberdade, livrando para sempre das torturas e chibatas, faz-nos crêr que, em nossos corações não se aninha nenhum sentimento nobre.(...) Ser patriota é também amar os seus irmãos de raça, animando-os, ajudando-os coherentemente nas suas primordiosidades e coadjuvando no seu evoluir e na sua integridade."*¹⁷

"Sabido é que desde a nossa formação histórica o povo brasileiro se constitui de três raças fundamentais: a branca, a negra e a indígena. Somos considerados um povo mestiço e por essa razão não é justo que em pleno século XX, com a vitória dos princípios democráticos, ainda perdurem as restrições que elementos reacionários e com mentalidade nazi-fascista querem impingir ao nosso povo.(...) O negro para vencer socialmente faz um esforço equivalente ao de cem brancos. E quando consegue certas regalias sociais, afasta-se dos seus irmãos negros. Luta sozinho e nada quer com sua raça. Esta falta de união do elemento afro-brasileiro é a principal causa, atualmente, do desprestígio geral do negro no seio da coletividade.(...) O elemento negro do Brasil de hoje, deve unir-se imediatamente no sentido psicológico, para acabar com os complexos e recalques, para atacar de frente o preconceito de cor e de raça que ainda perdura em nossa pátria. Essa união, entretanto, em nada vem ferir a unidade nacional. Ao fazer-se tal união, não se está fazendo racismo político, (...) seria verdadeira utopia pensar que com a união do afro-brasileiro se criará no Brasil o vírus do separatismo racial. Nossa família está tão entrosada, nossos costumes tão identificados e nossas tradições tão bem formadas, que somente os ignorantes, os mal intencionados, os

¹⁷ "O Patriotismo". Luiz de Sousa. In O CLARIM d' ALVORADA. Junho de 1928

*nazi-fascistas, os burgueses retrógrados, e os eternos reacionários é que poderão pensar em tal visionismo sociológico.(...) A Convenção Nacional do Negro Brasileiro que se realizou nos dias de novembro último nesta capital, foi apenas a reunião de intelectuais negros, mulatos, mestiços e brancos, do povo em geral, para traçar rumos sociais e políticos a todos aqueles que pretendem acabar com a hipocrisia social reinante e que procuram lutar para valorizar o negro brasileiro. O sentido político da Convenção não é de caráter partidário. Visamos fazer um teste com a nacionalidade. Queremos ver, de fato, quais são os partidos, os homens, as sociedades e empresas que são verdadeiramente democráticas e que não se envergonham da pele escura do homem brasileiro."*¹⁸

*"Iniciando esta secção, Tribuna Negra visa dar publicidade a todos os intelectuais negros que... permanecem inéditos.(...) Não tenham receio os de nossa raça. Machado de Assis e Lima Barreto eram mestiços.(...) Cuntee Cullen (poeta negro norte-americano traduzido e comentado pelo articulista), evoca o viver do negro. É maravilhoso.(...) Não teve também receio de falar da mulher negra. Porque em nossos medos há uma tendência para cantar a alvura, a brancura da mulher...Negra. Não tenham vergonha de quando rabiscarem poemas para suas namoradas mulatas e pretinhas dizerem o que elas verdadeiramente são. Procurem imagens adequadas e está tudo salvo. Lembre-se que só é ridículo o que é irreal. E só existe beleza onde há sinceridade."*¹⁹

Os trechos até aqui selecionados e comentados procuraram demonstrar a

amplitude, a diversidade e complexidade do pensamento social dos *meios negros* em São Paulo, das primeiras décadas até os anos 40 do século XX. E sua motivação: as condições adversas vividas pela população negra. Aquela situação era decorrente do pensamento e de práticas racializadas, predominantes entre as elites intelectuais brasileiras, que estruturaram o Estado Republicano como racialmente excludente. Há, ainda, muitos trechos de artigos, noticiário e outros documentos publicados na imprensa negra paulista daquele período, assim como análises dos mesmos, que constam de uma segunda parte, final, desse artigo.

Referências

- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Ed. UFRJ/Ed. UNB. Rio de Janeiro. 6ª ed. 1996.
- BARROS, Antonieta de. **Farrapos de Idéias**. 3ª edição, Comissão do centenário de Antonieta de Barros. Florianópolis. 2001
- BENTES, Nilma. **Negritando**. Graphitte editores. Belém-PA. 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**-vol 1. Editora Brasiliense. SP. 1985
- BONFIM, Manoel. **A América Latina – Males de origem**. Topbooks. RJ. 1993
- CARDOSO, Marcos Antônio. **O Movimento Negro em Belo Horizonte 1978-1998**. Mazza edições. BH. 2002
- FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger. **Branços e Negros em São Paulo**. 3ª edição. Cia Editora Nacional. SP. 1971.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. 1964
- FERRARA, Mirian N. **A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)**. FFLCH-USP. São Paulo. 1986
- FERREIRA NETO, Edgar. História e Etnia. In **Domínios da História**. Cardoso, Ciro F. e Vainfas, Ronaldo. Ed. Campus. RJ. 1997.
- FERREIRA, Y. e PEREIRA, A.M. **O Movimento Negro e as eleições**. Edição SINBA. RJ. 1983.

¹⁸ "Diretrizes da Convenção do Negro Brasileiro". Aguinaldo de Oliveira Camargo. In SENZALA. Janeiro de 1946.

¹⁹ "Literatura Negra". Ghandi Araújo. In TRIBUNA NEGRA. Setembro de 1935

FREYRE Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. José Olímpio. 19ª edição. RJ. 1978.

_____. **Novo mundo nos trópicos**. Cia Ed. Nacional e Edusp. SP. 1969

_____. Aspectos da influência africana no Brasil, **Revista Cultura**. MEC. Brasília. 1976.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil**. Edições GRAAL. SP. 1979.

LEITE, José Correia e CUTI. **Assim falava o velho militante**. Sec Municipal de Cultura. SP. 1992

MOURA DE LIMA, Waldemar (Pernambuco). **Rasgando Máscaras – Tirando fantasias**. Editora Milênios. POA-RS. 1999.

OLIVEIRA SILVEIRA: Vinte de Novembro: História e Conteúdo. In Gonçalves e Silva, Petronilha B. e Silvério, Valter R. **Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. INEP. Brasília. 2003

PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro**. Nandyala editora. Belo Horizonte. 2008

PEREIRA, A. M e SILVA. Joselina da. (Orgs). **Movimento Negro Brasileiro: Escritos sobre os sentidos de Democracia e Justiça Social no Brasil**. Nandyala editora. BH. 2009

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. Cia. Editora Nacional-SP e INL-Brasília. 1978. 2ª edição

SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: O setor transpacífico do "sistema mundial". In **Rev. Religião e Sociedade** 16. 1992.

SILVA, Joselina da. **A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Estudos Afro-Asiáticos ano 25 nº 2, 2003**

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. Cia das Letras. SP. 1993

SEYFERTH, Giralda. A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda. **Revista do Museu Paulista**. vol XXX. 1985

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In **MANA – Estudos de Antropologia social**. Vol 3 nº1 Abril 1997.

_____. Eugenia, racismo e o problema da imigração no Brasil. In Alves, I. e Garcia, H.M. (Orgs). **Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência, RJ. SHBC. 1997**

VAINER, Carlos. Estado e raça no Brasil: notas exploratórias. **Estudos Afro-Asiáticos nº 18**. RJ. 1990..